

# **IDENTIDADE CULTURAL E TURISMO: a literatura como agenciadora de trânsitos e possível elemento de sustentabilidade<sup>1</sup>.**

Maria de Lourdes Netto Simões

“As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos,  
mas são formadas e transformadas no interior da representação”  
Stuart Hall

“de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas,  
mas a resposta que dá às nossas perguntas”  
Ítalo Calvino

## **RESUMO**

O artigo trata da concepção de viagem, a ressignificação do termo e sua relação com o turismo em consideração dos aspectos culturais: desterritorialização, culturas híbridas, questões identitárias e interesse turístico. A literatura enquanto veiculadora da cultura é aqui focada como fenômeno instigador do turismo cultural. Tendo em conta o contexto globalizado, o texto discute a relação entre leitor e turista, face o bem simbólico e o espaço visitado. Considera, ainda, a elaboração de novos olhares sobre o fenômeno literário, inclusive no que se refere a trânsito de pessoas e de culturas. O turismo, enquanto processo de viagem, através da atividade cultural, provoca impacto na economia, no desenvolvimento das localidades.

Palavras-chave: Viagem, identidade, literatura, trânsitos.

## **ABSTRACT**

The article is about the concept of traveling, the new meaning of the term and its relation to tourism taking in consideration cultural aspects: dispossession, mixed cultures, identity issues and touristic interest. Literature as something that spreads the culture is here focused as an instigator of cultural tourism. Looking at the globalised context, the text discusses the relation between reader and tourist to the symbolic goods and visited spaces. It considers, still, the elaboration of new looks to the literary phenomenon, including when it comes to the transit of people and cultures. Tourism, as a traveling process, through cultural activity, provokes impact on the economy, on the development of the places.

---

<sup>1</sup> Publicado em CRUZ; CAMARGO (orgs). Turismo Cultural – Estratégias, Sustentabilidade e Tendências. Ilhéus: Editus, 2009. p. 49-68.

Key-Words: Travel, identity, literature, transit

## **Introdução**

Começo ressaltando o sub-título deste artigo para sugerir a idéia de **viagem** como fio condutor da minha discussão. Viagem implica trânsito. Aqui, é, também, metáfora de transição e mudança; paradigma. Relaciono-a com a literatura enquanto possível potencializadora da sustentabilidade, imprescindível às dinâmicas das identidades culturais e às ações de turismo.

Fundamental para um início de tal reflexão é o estabelecimento da relação entre a cultura e o turismo.

A cultura é tomada como recurso, “utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico” (YUDICE, 2004, p.11). Naturalmente, esse posicionamento que toma a cultura como uma mola propulsora somente quer acrescentar funcionalidade à compreensão de que a cultura implica nas interpretações que fazemos dos fatos do mundo, das vivências de forma compartilhada (GEERTZ, 1978).

Muito mais que mercadoria, esse conceito de **cultura como recurso**, proposto por George Yudice (2004, p. 13) e que aqui adoto, pretende ser o “eixo de uma nova estrutura epistêmica na qual a ideologia [e as normas institucionais] são absorvidas por uma racionalidade econômica e ecológica, de tal forma que o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento – em cultura e seus resultados – tornam-se prioritários.”

O turismo é reconhecido como trânsito, tendo relação direta com serviços e atividades econômicas, sem no entanto descuidar de que se trata de uma atividade humana interpretativa do mundo, e se realiza em um determinado contexto histórico cultural. Segundo Moesch (2000, p. 9): “uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais”.

A fim de pensar na utilização da cultura visando ao desenvolvimento através do turismo, é mister ressaltar o patrimônio material e o imaterial, bem como a sua

valorização. Nesse caso, a diferença existente em cada instância do patrimônio cultural (e vale também para o patrimônio natural) passa a ser a moeda recorrente de negociação – passa a ser **recurso de**. Os que defendem essa idéia chegam a admitir que o investimento em cultura “fortalecerá a fibra da sociedade civil, que, por sua vez, serve de hospedeiro ideal para o desenvolvimento político e econômico.” (YUDICE, 2004, p. 14).

Ora, se a proposição é a de cultura como recurso, a literatura enquanto uma expressão da cultura é tomada com o mesmo propósito; portanto, como recurso estratégico para suscitar o turismo cultural e o desenvolvimento local. E, para o que aqui é pretendido, a literatura será tratada como base motivadora para a concretização de trânsitos turísticos.

Para desenvolver tais reflexões, este artigo é estruturado em focos, a saber: discussão da idéia de viagem, tendo em conta os deslocamentos culturais e o turismo na nova ordem mundial globalizada; reflexões sobre a literatura enquanto suscitadora de trânsitos e na acepção de guia de viagem. Conclui pensando posturas políticas através das quais a literatura possa contribuir para fazer a diferença na relação entre identidade cultural e turismo, na garantia da sustentabilidade, imprescindível para o desenvolvimento das comunidades.

### **1. A Viagem na nova ordem mundial: identidade cultural e turismo**

Independentemente do modo do deslocamento, desde os tempos mais remotos, é fato que os aspectos inerentes ao ato de viajar se mantêm: a curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do diferente, sobre a surpresa e o encantamento do que se vai conhecer.

Lembro dos navegadores antigos, quando afirmavam: *navegar é preciso, viver não é preciso*<sup>2</sup>. Distanciada daqueles navegadores pelo tempo e pela tecnologia, mas próxima deles pela curiosidade sobre o desconhecido, sobre o conhecimento do outro, sobre a surpresa e o encantamento da viagem, reponho a assertiva, reformulando a sua segunda

---

<sup>2</sup> Vale lembrar que o poeta português Fernando Pessoa retomou a frase gloriosa, pensando na sua própria razão de viver, daí ter afirmado: *viver não é importante, o importante é criar* (pórtico de **Mensagem**).

parte, pela afirmativa: Viver é preciso! Então, à luz do pensar antigo, poderia raciocinar: se viver implica conhecer, conhecer implica navegar; implica viagem.

Para essas considerações, penso **viajar** na mais ampla acepção possível, respeitadas as opções de deslocamento de cada indivíduo; todas as formas de trânsitos, que os tempos tecnológicos oportunizam.

Ora, se pensarmos em termos de viagem hoje, temos que as alterações e possibilidades de deslocamento qualitativa e quantitativamente se modificaram, tendo em conta os apelos hodiernos. Tornou-se praticamente impossível encontrar o sentido de se ser o primeiro ou dos poucos a encontrar e descrever lugares remotos; a economia global provoca uma homogeneização que torna o mundo cada vez mais parecido entre si, fazendo quase desaparecer o diferente. A natureza da viagem também, muitas vezes, mudou se considerarmos as grandes viagens do passado (solitárias, cheias de dificuldades, buscando o desconhecido, o exótico; sem tempo definido de retorno). Sem dúvida, nestes novos tempos, tal não ocorre: os meios de transporte proporcionam, cada vez mais, viagens cômodas, rápidas e fáceis. Por outro lado, a viagem toma nova acepção relacionada ao trânsito e implicando no deslocamento de espaço e tempo; seja ela real ou virtual. O primeiro sucessivo; o segundo, simultâneo.

Fazendo, mais uma vez, a relação com os navegadores antigos, constato que o espírito que movia o Viajante – o descobrir – já não move hoje as pessoas na mesma medida, contextualizadas que estão num mundo tecnológico e que lhes entra pela porta adentro, através da tela da TV ou do écran do computador. O mundo vem até nós, não mais precisamos ir a ele. Posso percorrer uma grande distância simplesmente com o clicar do *mouse*. Posso ver um povo sem sair da minha poltrona. Então, para quê viajar?

Se por um lado, as viagens virtuais são uma forma de aventura, por outro lado, as viagens com deslocamento o são mais ainda. Se quisermos ir àqueles lugares “visitados” através da tela, a tecnologia nos proporciona meios de, em algumas horas, fazermos as viagens que, no tempo dos navegadores antigos, eles levavam uma vida inteira. Aviões supersônicos garantem que, em pleno verão tropical brasileiro, por exemplo, possamos somente necessitar de algumas horas para que estejamos na China, num inverno de 15 graus abaixo de zero. Se, ao contrário, dispomos de mais tempo ou

não pretendemos ir tão longe, há transatlânticos de luxo, trens, ônibus... Tudo, a depender do poder aquisitivo do interessado. Essas são constatações óbvias, desse nosso mundo capitalista.

Se os meios tecnológicos oportunizam que o internauta viaje a locais os mais distantes sem sair de casa (usufruindo virtualmente de paisagens, conhecendo costumes), esse processo ainda não permite o seu contato físico com o local, isto é: o provar a sua culinária, o manusear o seu artesanato, o banhar-se em suas águas, ... Daí que, sem descurar de tal possibilidade (que algum aficcionado pela tecnologia possa reclamar), mas considerando ainda limitante essa possibilidade virtual de viagem, prefiro aqui tratar da primeira acepção, a que implica em deslocamento real.

A pergunta que persiste é se, nesse contexto global, há espaço para o viajante. E a insistência da pergunta se justifica quando considerado, não somente, que o contexto sócio-cultural contemporâneo é outro do daqueles navegadores antigos, mas, também, que as condições e o próprio objetivo das viagens, necessariamente, mudaram. Nesse caso, teria cabimento a idéia do viajante acima mencionado, ou seja, aquele que viaja buscando a aventura do descobrir?

Naturalmente, se viagem pressupõe trânsito, conseqüentemente, implica em turismo. Sabemos que no contexto atual, o fator tempo é fundamental. Diz-se mesmo que tempo é dinheiro. Por conta disso, as viagens hoje tomam nova feição, ligadas ao lazer e à otimização do dito precioso tempo. O turista preenche essa nova configuração; é aquele que viaja por prazer, buscando locais de interesse, num tempo limitado. Mas seria esse turista aquele viajante referido, aquele que procura? Ou pelas circunstâncias sócio-econômicas estaria condicionado a receber o que o mercado lhe oferece? Onde a diferença? Consideremos as condições da viagem.

Hoje, os pacotes turísticos oferecem as viagens programadas, seguras, protegidas, selecionadas pelas agências especializadas para atender aos vários tipos de clientes, desde os da classe econômica aos da classe de luxo. Variando quanto ao tipo de transporte e acomodação que escolhem (podem pagar), todos são exigentes quanto à realização da programação comprada. Assim, dentro do que lhe foi proposto e aceito, ao viajar, passivamente, o turista vai sendo sedutoramente conduzido (pagou para isso).

É a agência quem o leva a restaurantes, dá a ele a sinalização dos locais para compras, dos pontos considerados de maior interesse para visitação (históricos, ambientais, etc). Se por um lado, muitas das vezes, quando l  chega, invade-o a sensa o do *d j  vu*, por outro, ele tem a necessidade da constata o do anunciado pelas propagandas, a cobrança do já prometido. Onde a surpresa, a descoberta do diferente? No corre-corre para atender a uma programa o pré-estabelecida, ele v  o máximo num mínimo de tempo. A pressa, o sem-tempo, determinam a aceita o do já pensado, do já pronto e selecionado. Todos v em o mesmo, porque presume-se ser o melhor; será? - assim pensou a agência, assim passivamente aceitam. Onde a possibilidade do imprevisto? Quando o prazer do impensado, do não programado? Se tudo está visto ou mostrado, o que resta ao viajante? Qual a sua diferença em rela o ao turista fabricado pelo mundo econ mico, pela *media*, pela globaliza o?

Onde o olhar para o diferente? Onde a descoberta? Onde o novo da perspectiva do olhar? Onde a surpresa? Onde a troca? O convívio, a experiência, a soma?

Como pensar em viajante nesses tempos de novos apelos? Sabe-se que os meios de comunica o transmitem as imagens e informa es de uma determinada perspectiva (geralmente, a do poder), não seria razão de viagem o conhecer as diferenças a partir do nosso próprio olhar? Neste contexto em que as situa es hegem nicas de raça, lugar, cultura não mais têm lugar; um tempo em que a diferença   respeitada enquanto valor, não seria essa própria condi o a justificadora de um novo olhar? Não estaria a  o espaço para o viajante? Uma forma de luta contra o lado da mesmice da globaliza o?

Nesse caso, tendo em conta a distância temporal dos navegadores evocados, proponho a considera o de Viajante (com V maiúsculo), não somente como aquele que busca descobrir, conquistar; mas como aquele que, além disso, tem o olhar alargado para o conhecimento do outro; aberto a novas experiências culturais e para o respeito   diferença.

Se assim  , cabe ainda neutralizar a conceitua o entre viajante e turista. Quando se fala em viagem, a rela o que hoje se estabelece entre os termos turista e viajante, no que respeita ao ato do deslocamento, ainda   a de preferir, para o primeiro, aquela acep o relacionada a serviços e questões econ micas, inerentes a uma viagem programada e sem riscos; para esse último, a idéia daquele que busca conhecer outras

culturas, que viaja ao sabor da aventura. Sem querer entrar em tal discussão, o que não se pode esquecer é que ambos interferem na cultura local, provocando impactos, sejam positivos, sejam negativos. Por isso, invoco o Viajante: aquele que reúne características do viajante e do turista. E é isso que interessa para foco destas discussões: os impactos culturais e a sustentabilidade dos trânsitos.

Definida essa opção, para os objetivos deste artigo relacionadas à identidade e ao turismo, retomo a idéia, antes proposta, de viagem como metáfora. Nesse sentido, lembro que a cultura, além de referenciar um lugar, uma nação, também viaja quando, através dos trânsitos é levada a outras regiões e hibridiza-se (CANCLINI, 2003), enriquecendo locais e modificando identidades. Assim, dinâmicas (HALL, 2004), as identidades locais sofrem mudanças. Num primeiro caso, são enriquecidas com os trânsitos do turismo planejado e sustentável. Num segundo, os impactos negativos provocam a desconfiguração de saberes e fazeres a ponto de comprometer toda uma comunidade.

Como podemos depreender, tais considerações alicerçam-se na compreensão de que, nos dias atuais, os acontecimentos são acelerados e as distâncias encurtadas, através das imagens televisivas, da navegação eletrônica, do trânsito de pessoas, rompendo limites e fronteiras de tempo e espaço. Tais transformações interferem nas formas de interpretação da sociedade, incapazes de acompanhar as mudanças, tantas em extensão, profundidade e, sobretudo, velocidade. A concepção de uma nova totalidade abrangente toma forma e, por essa interpretação, o foco cultural abarca as várias faces do homem enquanto cidadão (econômica, política, social, etc), instalando uma cultura reconfigurada.

A evidência da problemática cultural na sociedade contemporânea exige a atenção a outros fatores, inclusive o fato de essa sociedade global ser marcada pelo incremento da atividade turística. Faz-se necessário, como quer Friedman, analisar “o consumo como um aspecto de estratégias culturais mais amplas de autodefinição e de automação” (1999, p. 330). A globalização, apesar de promover fluxos de informação, impactos no tratamento e concepção do tempo do trabalho, nas formas do ócio, faz emergir a questão do lazer. O turismo instala-se como eixo articulador dessa intersecção. Atendendo aos fluxos e ao lazer, a atividade turística vem se configurando cada vez

mais como uma atividade que, por um lado, oferece oportunidades de empregos e é vendida como mercadoria; por outro, suscita as diferenças culturais. Mas não é possível negar também que, outras vezes, desrespeita culturas, provoca desastrosos impactos negativos.

Pelas razões discutidas, o termo viagem é aqui tratado em duas acepções de trânsito: a que sugere deslocamento, ligada a turismo; a que insinua mudança, relacionada aos fluxos que interferem nas identidades culturais.

## **2. A Literatura como recurso para o turismo**

No âmbito da cultura, a literatura é entendida como influenciada e influenciadora da história (SIMÕES, 1998). Além do seu intrínseco valor estético, de uma ótica antropológica (ISER, 1996), dá visibilidade ao imaginário das comunidades e faz veicular os seus fazeres, dizeres, saberes; isto é, as suas vivências, o seu patrimônio; perspectiva a identidade cultural de uma nação, uma região, um lugar.

Desde tempos os mais remotos, é sabido que a literatura conta viagens fabulosas. As grandes narrativas estão aí para confirmar: desde os relatos medievais das novelas de Cavalaria, aos grandes poemas épicos - a exemplo da **Odisséia**, de Homero ou de **Os Lusíadas**, de Luis de Camões; às fantásticas viagens de Marco Pólo, ou às viagens de Gulliver ...

Mais recentemente, ficções de relatos de viagem têm lugar de destaque nas bibliotecas e livrarias. Notadamente interessam àqueles que cultivam o gosto da aventura e a curiosidade por outras culturas. A literatura oferece percursos romanescos que provocam a curiosidade do Viajante. Ou ainda é referencial de autor renomado, que dá destaque a uma região: Kafka, em Praga; Eça de Queirós, em Portugal; Jorge Amado, no Brasil – para citar somente alguns exemplos. Como é patente, os referidos aspectos caracterizadores do viajar continuam valendo. A relação da literatura com a viagem é que, passo a passo, se amplia, no que se refere ao leitor.

Vivenciando novas concepções de espaço, o leitor destes tempos mais recentes não traz no seu repertório imagens como aquelas de outrora. Deixaram de existir as experiências que as cidades oportunizavam: o apreciar as ruas, o sentar-se na praça, o caminhar a

esmo, o perder-se nos bairros. No cotidiano das metrópoles, as pessoas não mais convivem com a cidade enquanto elemento de intimidade, lazer, cumplicidade. Elas (as cidades) tornaram-se sinônimo de insegurança e violência. O mundo globalizado elegeu os *shoppings* como os centros de comércio, lazer, ponto de encontro e deslumbramentos. Como bem observa Canclini (1997), perdeu-se a experiência do conjunto. A cidade deixa de ser centralizada, para ser multifocal. Mudou a concepção do urbano, atrelada que está às questões da globalização.

Nesse contexto, habita o leitor que, ao interpretar o imaginado ficcional tem a sua curiosidade aguçada para conhecer um mundo não familiar. Movido pela vontade de ver a paisagem que inspirou o texto literário, "passeia" pela cidade que a ficção oferece. Assim nasce o leitor-turista. Não satisfeito, porém, com a mobilidade ficcional somente, ele quer "ler" /ver, ao vivo e a cores, os locais reais tomados pela ficção. De leitor a turista é um passo: aquele que a mobilidade e o trânsito permitem. Torna-se turista-leitor, viajando para re-conhecer e observar as re-significações daquelas cidades, antes "visitadas" através da leitura.

Certamente, além da curiosidade instigada por aquela interpretação, move, também, esse leitor especial o sentimento mais recente de desterritorialização (provocado pelas interações globais) e, ainda, a valorização do regional, do local. Ou, mesmo, ele vê a cidade como densidade histórica (CANCLINI, 1997) .

Esse argumento sustenta a idéia de que a leitura de textos ficcionais contribui para o fluxo turístico de cidades ficcionalizadas. Nessa lógica, o efeito (ISER, 1996) do texto sobre o leitor, instiga-o a se tornar um leitor-turista, que "passeia" pela cidade-ficção, através das páginas que o livro lhe oferece; posteriormente, os passeios imaginados não mais o satisfazem e o turista, que existe nesse leitor, assume-se em turista-leitor, quando viaja, deslocando-se para conhecer a cidade real, inspiradora daquela ficcionalizada<sup>3</sup>.

Assim tem acontecido em alguns dos exemplos acima mencionados, dos quais ressalto a ficção de Jorge Amado, em relação à cidade de Ilhéus, na Bahia - Brasil.

Com base nesse raciocínio, a literatura é potencializada como suscitadora de trânsitos e viagens e tomada como **recurso**, no referido sentido que empresta George Yudice

---

<sup>3</sup> Venho desenvolvendo esse argumento (SIMÕES, 2002), buscando evidenciar que a literatura é provocadora de trânsitos e suscitadora de fluxos turísticos.

(2004) à utilização da cultura. Assim, quando aqui proponho a literatura como recurso, penso mesmo que cabe uma reflexão sobre gênero; pensar a literatura como roteiro de viagem, porque sinalizadora da cultura, dos costumes de um local, ou mesmo, visualizadora de um patrimônio cultural ou natural de locais singulares.

Nesse caso, tratar a Literatura como bem simbólico cultural, assinaladora de *diferença* e suscitadora de trânsitos, exige um posicionamento comparativista e alargamento em consideração do seu caráter de gênero. Literatura como guia de viagem. No contexto globalizado, não é sem propósito que Edward Said ressalta o lugar do romance de ficção na história, fazendo a sua tese básica a de que "as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar a sua identidade e a existência de uma história própria deles." (SAID, 1995. p.13)

Portanto, expressão artística comunicadora, influenciadora dos trânsitos sociais e da história, face o universo cultural e vivencial, a literatura configura uma visão de mundo onde comportamentos éticos, filosóficos e políticos são traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o mundo. Dessa ótica comparativista - valorizadora do patrimônio e da cultura local -, é suscitadora do trânsito turístico.

Tal entendimento alicerça a idéia de que já não tem sustentação considerar a Literatura de uma visão hegemônica; outros valores são sinalizados dentre os quais a diferença tem destaque, inclusive como estratégia de resistência (ao global) e valorização (do local). Em se tratando dessas questões, vale lembrar que as concepções sobre nacionalismo e identidade nacional, hoje reconceitualizadas e amplamente discutidas, estão presentes nos vários discursos culturais. O descentramento do sujeito, que vem se acentuando na sociedade contemporânea, de modo geral tem provocado toda uma redimensão das identidades, em revisionamento mesmo da própria identidade nacional.

Naturalmente, tais movimentos e dinâmicas, interferindo no imaginário, tem se manifestado, em especial, através da literatura, dentre outras expressões. Stuart Hall alicerça a sua discussão sobre identidade cultural, identidade nacional, nacionalismos, argumentando sobre a constante e rápida mudança das sociedades modernas; nesse caso,

ele não somente constata as mudanças, mas busca o assunto como argumento para as suas reflexões e enfatiza a diferença como um elemento a ser particularmente observado (HALL, 2000, p. 47).

De modo geral, a forma como o sujeito é interpelado ou representado provoca a mudança das identidades. Essas diferentes interpelações do momento histórico, provocadoras das transições identitárias, fortalecem o aspecto político da identidade. A nação, agora vista como sistema de representação cultural, entidade simbólica, (ANDERSON, 1983), não se sustenta mais como uma entidade política, simplesmente. As memórias contadas e as imagens criadas sobre uma nação constroem identidades, que resultam de símbolos e sentidos veiculados pelos trânsitos.

Nesse raciocínio, o que vai singularizar uma nação é, portanto, a diferença. Suas culturas, suas narrativas. Daí a consequência de, pensando cultura, considerar a identidade cultural como intersecção de múltiplas influências que se moldam por um senso de pertinência. Como observa Homi Bhabha (1998, p. 241), vale dizer que “a cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória”. A transnacionalidade está na interferência que as histórias específicas de deslocamentos culturais exercem sobre os discursos pós-coloniais contemporâneos; já o seu aspecto tradutório vem das histórias espaciais de deslocamento - agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias globais de mídia, que sensivelmente interferem na significação da cultura.

Num mundo global, é possível afirmar que é notória a idéia veiculada da necessidade de ações ágeis e criativas para que ocorra a inserção de uma cultura no âmbito transnacional. Mas também se pode afirmar que, apesar dos apelos da globalização, as culturas locais são revalorizadas, no mesmo movimento. Ocorre que as diferenças culturais (de fundo étnico, regional, ou de nação), antes não consideradas, agora se impõem. Por tudo isso, pode ser mesmo admitido que em tempos de movimentos de integração transnacional, justificam-se as reflexões sobre Literatura, vista como recurso, a ser viabilizada através de estratégias para a otimização de trânsitos e valorização da cultura.

## **Conclusão**

É bem verdade a evidência, hoje, do mercado como paradigma de múltiplas liberdades. Sobre isso, cabe aqui a pergunta que faz Beatriz Sarlo (1997, p.152): “existe outro lugar, além do mercado, onde se possa pensar a instituição de valores?”. No mesmo texto, Sarlo ainda observa que “a liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças: estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estética denuncia um compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática” (1997, p. 182).

É sabido que as possibilidades de legitimação se multiplicam. Certamente que as políticas culturais que orientam as ações de valorização, discussão, apoio à circulação dos bens culturais têm atenção à demanda do mercado, sim. No entanto, vale considerar a ação intelectual, transitando a cultura através da arte. Assim, é possível admitir a possibilidade de uma ação intelectual contribuidora para o desenvolvimento cultural sustentável. Isso, através de discursos que se articulem, construindo o lugar, provocando outras reflexões, promovendo trânsitos, realizando trocas culturais, promovendo o respeito ao/do outro.

Se, como foi discutido, o fenômeno transnacional faz com que cruzamentos de fronteiras operem mudanças nas culturas através dos processos de transculturação, fica patente a imprescindibilidade de políticas culturais bem traçadas e respeitadoras dos valores locais, a fim de salvaguardar o bem cultural do consumo depredador. Para isso, torna-se fundamental atentar para a relação entre produtos culturais e definições políticas em esferas locais e nacionais, visando, inclusive, a um foco internacional.

No entanto, o resultado das ações integrativas deve ser assegurado, por meio da implementação de políticas culturais, em favor da sustentabilidade dos valores regionais. Os passados históricos e as singularidades de cada nação no que diz respeito às suas respectivas expressões culturais constituem-se elementos que justificam acreditar numa “negociação” do local com o global, “negociação” essa

provocadora da comunicação, do trânsito de pessoas, por exemplo: acionadoras de ações para o turismo.

Se a Literatura veicula imagens urbanas - paisagens locais, costumes, mitos, danças, comida típica, música - esses bens simbólicos de culturas singulares constituem-se referentes para o leitor de outras culturas, outras cidades. Enquanto elemento de interação entre a cultura e o turismo, as cidades – que abrigam os patrimônios e povoam o imaginário da ficção – constituem-se o elemento que motiva o trânsito do turista, e é onde ocorre a transculturação (turista/ morador). Movido pelo imaginário ficcionalizado no texto literário, essa clientela específica – o **leitor-turista** - interage e, simbolicamente, recria a cidade.

Mecanismos devem ser articulados a fim de que a neutralização de possíveis barreiras nacionais sejam potencializadas, favoravelmente às expressões culturais locais, promovendo a ordem econômica e política através da integração e intercâmbio. Isto porque, como é óbvio, nem a comunidade nem o indivíduo podem sustentar, sozinhos, um encaminhamento de fluxo turístico. Se a cultura promove o turismo, ela deve ser preservada através de políticas públicas, definidas em conformidade com as representações sociais, através de planejamento participativo.

Integração e intercâmbio justificam, portanto, um turismo (seja nacional, seja internacional), quando culturas singulares e plurais suscitam o interesse do conhecimento, que a sua Literatura revela. A questão é garantir políticas que busquem potencializar as singularidades. A ultrapassagem da concepção de fronteira (do político para simbólico) assegura pontos de interação entre os povos através do intercâmbio, da migração, da hibridação lingüística, da literatura.

Em relação à integração, vale ressaltar a importância de ações que propiciem a formação e a vivência das experiências do outro. Portanto, há a imprescindibilidade de um eficaz processo de integração que considere a região como um espaço de cruzamento de identidades, de mesclas; que reconheça o processo de re-elaboração das identidades (dinâmicas e múltiplas). Nessa direção, a evidência do processo de

fragmentação de identidades paralelo ao processo de globalização, ainda sinaliza a necessidade de uma perspectiva sócio comunicacional; ações que contribuam para a sustentabilidades das identidades, nos espaços sociais, inclusive no espaço *massmediático*.

É mister que essas políticas, inclusive as relacionadas aos *massmedias*, sejam traçadas em consideração da mudança do foco econômico para o cultural, isto é: que seja buscada a priorização da cultura; que seja buscada uma reorientação do mercado especulatório. Melhor dizendo, observar a articulação, a apropriação e a reelaboração do consumo cultural pelo turismo no âmbito regional e os impactos que tais ações provocam nas identidades locais.

A idéia de “cultura como recurso pressupõe seu gerenciamento”, diz Yudice (2004, p. 17). Se as culturas viajam através da literatura, a informação sobre essa literatura que circula através dos *massmedia* contribui para a visão do turista que virá a interagir e intercambiar na comunidade local. Uma política cultural deve, ainda, prever e promover formas de compatibilização entre literatura, arte e comunicação, formas essas divulgadoras da cultura a partir do seu potencial estético, social e culturalmente diversos.

Por tal compreensão, a Literatura, enquanto elo estético e simbólico, contribui para que laços tempo-espaciais justifiquem ações de turismo. Utilizada como recurso, suscita políticas que, nesse entendimento, eliminem juízo hierárquico na valorização das formas de expressões culturais, onde tanto têm lugar as formas veiculadas em museus e teatros, por exemplo; como aquelas relacionadas a rituais, lendas, culinárias e outras práticas simbólicas. Todas elas, manifestações culturais expressadas pela literatura, são mobilizadoras do turismo que, se operado com sustentabilidade, assegura a valorização do estético e promove o desenvolvimento das comunidades.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1983.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Imaginários Urbanos**. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.
- CANCLINI, Nestór García. **Culturas Híbridas**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- FRIEDMAN, Jonathan. Ser no mundo: globalização e localização. In: Featherstone (org). **Cultura Global**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.329-348.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- ISER, Wolfgang. **O Fictício e o Imaginário – Perspectivas de uma Antropologia Literária**. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000 .
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna – intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, UFER, 1997. 169p.
- SIMÕES, M L Netto. **As Razões do Imaginário – Comunicar em Tempo de Revolução**. Ilhéus: Editus, 1998.
- SIMÕES, M L Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.6. Belo Horizonte: Abralic, 2002. p. 177 – 184.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.  
YUDICE, George. **A Conveniência da Cultura – usos da cultura na era global**.  
Trad.: Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte, UFMG, 2004.